

“Um arquipélago gráfico”

(Recensão sobre *contra o esquecimento das mãos*)

hoje em dia prolifera a literatura espectáculo, em vez da literatura que pertença ao mundo de coesão com a verdadeira grafia no ser humano. Na verdade, há um lado gráfico esquecido e que se une a nós com a mesma resistência das lapas que habitam as pedras...

gostaria de contar a magnífica história que trespassa estes textos, uma história que demoraria o seu tempo

todo o tempo

mas hoje em dia prolifera o instantâneo, o mediato porque não há tempo, havendo na realidade tempo para tanta vontade de espectáculos

espectáculo, tudo o que atrai a vista, que chama a nossa atenção, diversão pública, cena ridícula

espectáculo, tudo o que entretém a passividade em vez da actividade, tudo o que advém de fora e nunca se interpreta, nunca se compreende, nunca pensa pensa pensa

de facto, cada vez mais, a leitura expõe-se à diversão fácil

já não digo que leia pouco, digo antes, do pouco que se lê é que é uma verdadeira perda de tempo em textos vazios de compreensão, uma verdadeira deglutição de *Macbooks*, *lightbooks*.

Algures, no meio do oceano de falsa falta de tempo e de espectáculos literários, há preciosos homens que arregaçam as mangas para conseguirem um punhado de pó e lançarem-no sobre as ilhas que aos poucos se desenhavam contra essa distração oceânica.

vou-vos apresentar **um** que é sem dúvida um fazedor de ilhas exímio.

vou-vos apresentar **um** que escreve a grafia dos seres que habitam as ilhas.

vou-vos apresentar **um**

(são poucos - eu sei

são poucos os fazedores de ilhas, mas
vou-vos apresentar **um**, só **um**)

João Ricardo Lopes respeita antes de mais a ordem gráfica que reside em cada ser, por isso demora-se a tecer ilhas

(...) *essas ilhas | de exacta luz e exacta embriaguez | ilhas de palavra – os poemas*
(...)

são ilhas cuja grafia se encarna em cada um dos que lêem sob o signo da compreensão

são ilhas paradisíacas

ilhas que fluem na esfera de um gesto tangível

ilhas que formam um arquipélago gráfico chamado **contra o esquecimento das mãos**

A história que vou contar é a do próprio tempo gráfico que une cada um dos poemas deste arquipélago

é a da secreta história insular, onde o tempo é um extenso corpo de água, cujo leito vive fortificado por densas pedras que formam as ilhas textuais. Nessas águas, o João Ricardo Lopes desvela-nos a existência de um ser de água mineral ferido constantemente pelo tempo, o homem.

O autor do livro, começa por nos contar, de uma forma majestosa, a existência do tempo-antes-do-tempo, do homem-antes-do-homem.

(Quadro primeiro: O Lugar de Onde Viemos/ poema 5)

*distante é a espuma furtiva das águas
o sangue do princípio derramando-se na
flor delicada dos olhos
antes do tempo
éramos peixes proibidos de navegar
apenas esperávamos ...*

na verdade, antes do tempo, do caos e do entropismo, a água gráfica não corria

por não existirem corpos dispostos a receberem tão nobre nascente. E foi então que o silêncio decidiu procurar um corpo, um corpo silencioso, um corpo frio capaz de sustentar uma casa inteira, a

casa que aos poucos abandonava o entropismo das suas origens, o caos da grafia universal e assim nasceu o corpo mais primitivo de toda a criação, a pedra

(Quadro primeiro: O Lugar de Onde Viemos/ poema 1)

*desmoronam-se as carnes
e outro não é o oráculo
senão a raiz sagrada das pedras*

*o princípio e o fim
existem no seu silêncio
e mais longe do que é possível
uma própria voz
e uma própria alma*

a água tépida depressa originou uma raiz nos seus corpos, causando o movimento. Aqui e acolá começaram a jorrar *géisers* que embatiam uns nos outros, criando o leito de evolução que depressa trespassava a casa, arrastando-a consigo. O leito desta água criou um rio gigantesco chamado *Tempo* que na obra não é uma obsessão, mas antes a linha com que o autor tece ilha após ilha, poema após poema, porque de facto não podemos ler estes versos isolados, já que o tempo não é feito de cesuras, mas de um contínuo corpo que escreve, de um contínuo corpo que lê

porque o corpo que escreve e lê faz parte da mesma natureza textual.

O habitante deste arquipélago gráfico é, ao mesmo tempo, o pescador e pedreiro

pesca as pedras e com as mãos abre-as à procura da casa que nelas é comum. Não é uma dedicação física, mas antes uma dedicação de ordem gráfica, de escrita. De facto – aqui – as palavras são as pedras que compõem cada uma destas ilhas. Pedras de grafia que reunidas pela mão desses habitantes crescem numa casa, a casa da escrita por onde, no arquipélago **contra o esquecimento das mãos**, se estende a alma. Como vimos, a relação com as mãos e sobretudo uma relação de grafia, a casa da escrita, a casa cuja entrada procura com as suas pétalas *a quieta luz* da tarde.

Na verdade, este arquipélago só é realmente visível perante o momento apontado – pelo próprio poeta – como o (...) *brilho salgado e feminino que | sulca a pele e purga | a casa*

a tarde.

João Ricardo Lopes evidencia uma predilecção por esse intervalo do dia, uma hora onde a transparência da luz toca o cristal mais translúcido do corpo, a própria liberdade de consciência, onde as vozes se recriam numa circularidade de pensamento dentro da reflexão causada por essa mesma luz. Tocar o cristal com as mãos, no horário da refração mais doce, é – sem dúvida – desvelar a própria alma (ou a casa) é um momento branco de pureza, onde a estirpe abre as suas janelas para que o espaço gráfico tenha uma maior amplitude de visibilidade

(Quadro Terceiro: Das tardes/ poema 8)

durante o intermezzo

cumprimos o possível

das enxúndias, do bodum

dos lodos nos limpámos

até sermos desta transparência de água

e só neste momento transparente da casa é que as mãos nunca serão esquecidas, porque é um momento de grande visibilidade e liberdade criativa da consciência que reside *nas vísceras das casas*. Esta relação só se torna exequível, quanto o ser é a própria grafia, uma espécie de dimensão onde o corpo humano trabalha a sua alma, sob uma enorme pressão de luz. O homem experimenta a sua correcta dimensão através do corpo gráfico, procurando, assim, o abandono do espaço onde reside como um *homem de pano*, que (...) *tem serapilheira em lugar de pele | e em vez de tripas é feito de trapos*. De facto, o homem é um pano gasto perante a refração que o tempo experimenta ao trespassá-lo como uma flecha, porque o tempo – no fim – anda mais depressa e o corpo não tem fugacidade para acompanhar a luz que começa a cegar as próprias memórias.

O espaço findável do corpo ocorre à noitinha

um momento muito especial de transmutação, já que (...) *na noite as sementes crescem na terra | e as crisálidas passam-se a mariposas // e todas as coisas se transformam noutras coisas | pelo milagre do mundo.*

O corpo físico é apenas uma passagem, um corredor por onde o tempo trespassa até à implosão do corpo na sua própria casa. A libertação *da escravidão do corpo* e a diluição da identidade do rosto são a verdadeira luta **contra o esquecimento das mãos** enquanto dimensão da escrita

lutar contra isso é escrever e ler cada um dos textos da obra, visitando, vez após vez, a casa onde se desvela *a mecânica do universo.*

(Quadro Quarto: A Noite do Homem/ poema 11)

*o corpo é apenas o estertor
de uma última inocência*

*de mim esvaem-se os últimos sinais
de um carvão consumido pelo silêncio*

*e depois desta cal, deste incêndio
deste deserto, o vórtice leva-nos a outra margem*

*as memórias calcinam
ou deixam de fazer sentido?*

*eles olham o cadáver de um homem velho
e eu digo não servi unicamente para morrer*

*depois desta cal, deste incêndio
deste deserto, indiviso o tempo é*

João Ricardo Lopes é uma revelação a destacar na escrita contemporânea portuguesa, não só pela majestosa articulação dos textos, mas, principalmente, pela habilidade de envolver os seus leitores - mesmo aqueles que se dizem exilados da poesia – porque na escrita o interlocutor abandona o seu estado total de passividade ao experimentar a exacta liberdade de consciência, quebrando assim a taciturnidade literária em que estava anteriormente envolvido.

Aqui, não reside qualquer vestígio de literatura de espectáculo onde, cada vez mais, enterramos a cabeça, até esquecermos a existência das próprias mãos, as mãos da escrita, as mãos da leitura

(um parêntesis

há dias, um deputado inglês dizia, numa entrevista à BBC, que “o governo paga com amendoins e em troca recebe macacos.”)

gostaria apenas de referir que **contra o esquecimento das mãos** é sem dúvida uma obra que se destaca por uma assimetria total perante a literatura de símios – a literatura estandardizada, ou a literatura de espectáculo.

contra o esquecimento das mãos é uma obra na qual experimentamos uma outra maneira de estar com o nosso próprio corpo, com o nosso próprio tempo e com a nossa própria escrita. João Ricardo Lopes (d)escreve como ninguém a real convivência entre estas três dimensões e convida-nos a entrar na casa gráfica para compreender a alma de quem lê a de quem escreve como princípios equiparáveis da mesma *mecânica do mundo*.

(João Ricardo Lopes pertence, admiravelmente à verdadeira e correcta contemporaneidade

não me levem a mal por confessar que invejo a forma como este grande poeta escreve
não me levem a mal por confessar que gostaria de saber escrever poesia assim)...

Carlos Vaz (2002)